

Bancos fazem novas provisões

10 NOV 1989

por Celso Pinto
de Londres

O National Westminster e o Lloyds Bank, dois dos maiores bancos comerciais ingleses, anunciaram ontem um substancial aumento nas suas provisões para perdas com empréstimos ao Terceiro Mundo. A razão alegada por ambos foi a deterioração da situação econômica e política de países devedores, especialmente os latino-americanos.

O NatWest, segundo maior banco inglês, tem agora provisões suficientes para cobrir 72% do total de empréstimos de médio e longo prazo a países subdesenvolvidos, ou 65% se forem considerados também os créditos de curto prazo, de menor risco. No Lloyds, as provisões subiram para 85% nos empréstimos de médio e longo prazo ou 70%, considerados os de curto prazo.

Os dois outros bancos comerciais ingleses de porte, o Barclays e o Midland, disseram que não elevarão suas provisões, por considerá-las adequadas. O Barclays tem provisões para 48% dos empréstimos e o Midland para 50,4%.

No final do primeiro semestre, os quatro bancos anunciaram substanciais aumentos nas provisões, o que afetou sensivelmente seus lucros. De uma média de 20 a 30%, as provisões subiram para perto de 50%. Alguns meses depois — e, em boa medida, como reflexo da decisão dos bancos ingleses —, vários grandes

bancos norte-americanos aumentaram substancialmente suas provisões. No caso do Morgan, por exemplo, chegou a 100% dos empréstimos de médio e longo prazo.

O NatWest, que tem US\$ 4,5 bilhões em empréstimos a 27 países do Terceiro Mundo, colocou mais 575 milhões de libras (US\$ 920 milhões) em provisões para perdas, que eram de 48% do total. Em consequência, o lucro em 1989 será "significativamente reduzido", segundo o presidente (empossado em outubro) do banco, Lorde Alexander.

"A nosso ver, a situação da dívida deteriorou-se ainda mais nos últimos meses", disse ele, ao justificar o aumento das provisões. Um dos fatores de deterioração "foi a suspensão de pagamento de juros pelo Brasil", disse um porta-voz do banco a este jornal.

Duas outras razões consideradas pelo NatWest, segundo o porta-voz, foram

(Continua na página 23)

A partir de janeiro de 1990, quase toda a diretoria da J.P. Morgan & Co., holding que controla o Morgan Guaranty Trust, um dos maiores credores do Brasil, será alterada. Lewis T. Preston, à frente do grupo desde 1980, passa a presidência a Dennis Weathers-tone, um inglês que começou sua carreira aos 16 anos na filial londrina do banco.

(Ver página 20)

BANCOS

Bancos fazem novas provisões

por Celso Pinto
de Londres
(Continuação da 1ª página)

"as implicações do Plano Brady (para a dívida)", indicando perdas no caso de vários países devedores, e "a queda recente dos preços das dívidas no mercado secundário". Em boa medida, a queda no mercado secundário foi um efeito do aumento da provisão dos bancos norte-americanos e da venda de ativos por parte de alguns deles. Os valores mais baixos "nos indicaram a necessidade de aumentar as provisões", argumentou o porta-voz. Ele deixou claro que os 72% de provisões "não são o último degrau". "Vamos continuar a rever a situação e, se for necessário, faremos provisões adicionais", completou.

No caso do Lloyds Bank, que tem US\$ 5,8 bilhões em empréstimos de médio e longo prazo para 29 países subdesenvolvidos, as provisões adicionais custaram 1,2 bilhão de libras (US\$ 1,9 bilhão). Isso vai provocar "um prejuízo substancial em 1989", previu o presidente do banco, Sir Jeremy Morse, embora ele tenha assegurado que não serão afetados nem a distribuição de dividendos nem os investimentos.

Morse atribuiu a elevação das provisões à "continua deterioração no pagamento da dívida nos últimos meses e ao aumento significativo na incerteza sobre o fluxo futuro de recursos destes países". Tanto no caso do Lloyds quanto no do NatWest, o aumento das provisões implica que para alguns países os bancos fizeram provisões de 100% do valor dos empréstimos. Nenhum dos bancos quis comentar, contudo, casos específicos.

John Robson, chefe do setor de Comunicações Corporativas do Lloyds, disse a este jornal que a intensificação dos problemas econômicos e políticos na América Latina e o fato de 15 dos 29 países devedores do banco terem parado de pagar juros levaram o banco a elevar as provisões. Neste contexto, a moratória brasileira foi um fato importante. "Estamos naturalmente preocupados com o Brasil", disse Robson.

O Lloyds também acha que o Plano Brady contribuiu para aumentar as incertezas, na medida em que, como lembra Robson, "levou os países a esperar por reduções em suas dívidas, sem que tenha havido apoio suficiente em recursos de fontes oficiais". As incertezas que ainda rondam o sucesso do "pacote" mexicano, teste para o Plano Brady, vieram na mesma direção.

Alan MacDonald, do Midland Bank que, com US\$ 7,4 bilhões, é o banco inglês com maior volume de empréstimos ao Terceiro Mundo, não concorda com esta avaliação. O Midland, disse ele a este jornal, "considera ter um nível de provisões adequado à nossa estratégia". As provisões do Midland para empréstimos de médio e longo prazo somam 50,4% do total. Depois de concluído o pacote mexicano, as provisões equivalerão a 58% do total.

"A situação não mudou significativamente desde junho", argumenta MacDonald. Se, de um lado, o Brasil parou de pagar juros, de outro a situação Argentina melhorou ("porque eles estão conversando sobre a dívida") e a do México não se alterou substancialmente. Em média, portanto, não teria havido, a seu ver, uma deterioração adicional que justificasse novas reservas. O Barclays, maior banco inglês, mas com uma "exposure" no Terceiro Mundo relativamente pequena (US\$ 3 bilhões), disse, através de um porta-voz, que conside-

ra seu nível atual de provisões (48% do total) "confortável".

Tanto o Lloyds quanto o NatWest reafirmaram seu desejo de continuar a participar do processo de negociação da dívida. "Nós fizemos provisões, não perdas", disse Robson, do Lloyds. Morse, presidente do Lloyds, argumentou que o banco fará todo o esforço para recuperar toda a dívida ao mesmo tempo em que poderá ter "mais flexibilidade nas negociações". Lorde Alexander, presidente do NatWest, também ressaltou que "continuaremos a recuperar nossa dívida".

Nenhum dos bancos quis comentar se o novo nível de provisões levará a maiores vendas de ativos no mercado secundário. Essa, contudo, é uma consequência lógica. No caso dos bancos norte-americanos, por exemplo, está havendo claramente um aumento na venda de ativos por parte dos bancos melhor provisionados. Apenas com a realização do prejuízo, com a venda, o banco tem direito ao crédito fiscal equivalente.

O maior volume de provisões deixa estes bancos, também, muito mais à vontade para aderirem ou não a pacotes de renegociação da dívida externa — e este talvez seja um dos significados da renovada "flexibilidade" adquirida. Os bancos ingleses, que se opuseram clara e duramente ao Plano Brady desde o início, já declararam que não colocarão dinheiro novo no México. Há indicações, de outro lado, de que alguns bancos ingleses relutam em participar do "empréstimo-ponte" arquitetado para apoiar o México até a conclusão do pacote.

A exemplo do que havia acontecido em junho, quando os bancos anunciaram a rodada anterior de aumento das provisões, a reação do mercado acionário foi positiva, apesar dos fortes prejuízos que as provisões implicam a curto prazo. Fica difícil imaginar estes bancos, contudo, fazendo empréstimos adicionais aos países subdesenvolvidos depois do esforço em equacionar os problemas dos empréstimos passados.

O mercado secundário da dívida, que havia despenhado nas últimas semanas, poderá cair ainda mais com a perspectiva de que mais bancos se desfaçam de ativos de Terceiro Mundo.

O aumento das provisões dos bancos ingleses ao final do primeiro semestre foi acompanhado por uma revisão, pelo Banco da Inglaterra, dos critérios para a fixação destas provisões. O Banco da Inglaterra (banco central) utiliza um complexo sistema de indicadores (a "matriz") para indicar o nível que considera adequado de provisões. Embora tenha ficado claro que os bancos consultaram e seguiram orientações informais do Banco da Inglaterra quando elevaram suas provisões em junho, a correspondente mudança formal na matriz ainda não foi completada.

Alan Macdonald, do Midland, disse que não imagina que o Banco da Inglaterra pense em alterar, mais uma vez, a matriz, incorporando o novo patamar de provisões indicado pelo NatWest e pelo Lloyds. "Nossas provisões (de 50%) estão em linha com a matriz já revisada", explicou. Nem o Lloyds nem o NatWest, por sua vez, deram indicações de que estavam respondendo a sugestões informais do Banco da Inglaterra ao elevarem suas provisões.

De todo modo, alguns analistas acham que é provável que no fechamento do balanço anual também o Barclays e o Midland acabem elevando o valor de suas provisões.